

A CULTURA DO BRANCO

Nossa sociedade cultua a cor branca. Tudo o que for branco é visto com outros olhos, parece ser mais isento, mais limpo. Não sei quando nasceu isso, mas estou acreditando nisso. Cito alguns exemplos na nossa alimentação: arroz branco, açúcar branco, farinha branca. Se for escuro, meio marrom, já olhamos atravessado. No entanto, está comprovado que os alimentos integrais, como o arroz integral, o açúcar mascavo e a farinha integral são alimentos mais completos, mais equilibrados. No entanto, não são brancos.

Outro exemplo, a cor das roupas. O padrão adotado pelos hospitais e serviços de saúde na vestimenta é o branco, que transmite uma imagem de limpeza, higiene, assepsia.

No entanto, existem produtos criados pelo homem que são de cor branca (ou incolores) e são tão nocivos ou mais que as bactérias ou vírus gerados pela “sujeira”. Os agrotóxicos e as dioxinas, por exemplo. Os agrotóxicos são produtos sintetizados pela poderosa indústria de química fina e as dioxinas e furanos são gerados (também) pela queima de polímeros (nome técnico dos populares plásticos) em baixa temperatura, que causam danos aos seres vivos – incluídos aí os humanos – irreversíveis, desde sequelas neurológicas até câncer. Mas até a vestimenta do aplicador de agrotóxicos, o chamado EPI (equipamento de proteção individual) é branquinho!

O papel branco também vale mais. E seu branqueamento também gera dioxinas.

A limpeza de nossas casas é outro exemplo. Tudo tem que estar brilhando, de preferência branco. Os fabricantes de sabão em pó competem para ver quem oferece o produto que “branqueia” mais.

Tudo isto tem um custo ambiental muito grande. O efeito do cloro branqueador e outros produtos alvejantes nas cadeias alimentares de nossos pobres arroios é devastador. Por isso, acredito nas alternativas simples e naturais. Ao assistir, dias atrás, a apresentação de projetos de alguns alunos de escolas públicas, deparei-me com um alvejante feito de suco de limão, água e cinza de madeira. Lembrei das receitas de minha avó e pensei: “é por aí o caminho”. Precisamos acreditar em algo melhor, começando por nós. Sejamos nós mesmos a mudança que esperamos do mundo.

Diego Coimbra